

Antônio Reis • Eduardo Lourenço • João Freire • José-Augusto França
José Augusto Seabra • Manuel Braga da Cruz • Paulo Archer de Carvalho
Paulo Samuel • Rogério Fernandes

REVISTAS

IDEIAS E DOCTRINAS

Leituras do Pensamento Contemporâneo



LIVROS HORIZONTE

[...]

Aconteceu descobrir-me, efectivamente, ao mesmo tempo a *Presença* e a *Orfeu*, enquanto tais, isto através da antologia da Cecília Meireles, que é uma grande poetisa brasileira que os presencistas conheceram. Ela veio a Portugal, conheceu pessoas importantes daquela altura e, particularmente, essa gente da *Presença*, nomeadamente José Régio. Essa senhora, além de ser uma grande poetisa, era uma estampa – como se dizia no meu tempo –, ainda passados muitos anos o poeta Afonso Duarte falava de forma admirável das célebres pernas da Cecília Meireles. A senhora deixou um rasto de prestígio intelectual e de elegância, de fascínio, que ainda repercutia nos anos quarenta quando eu estava em Coimbra. Ela publicou essa antologia com retratos, que era o máximo da consagração naqueles tempos, e lá vinha o Fernando Pessoa e o José Régio, então eu li-os como se fossem os mesmos.

Só me apercebi, alguns anos mais tarde, que não eram bem os mesmos quando surgiu aquilo que foi para a minha geração uma autêntica revelação, isto é, a publicação da antologia de Adolfo Casais Monteiro. Vêm lá o Fernando Pessoa, os seus heterónimos principais e a célebre carta sobre a génese dos heterónimos. Começou ali, imediatamente, uma descoberta de um outro continente que era ignorado pela nossa geração, mas não o era pela *Presença*. Pelo contrário, faz parte da mitologia da *Presença* e do discurso que sobre ela faz João Gaspar Simões: o facto de que foram eles que descobriram a *Orfeu*. Se virem a *Presença*, verificarão que, um pouco órfão já da sua geração, a vários títulos, Fernando Pessoa deve ter tido como consolação o facto de esta nova geração o reconhecer como mestre – e não eram muito pródigos nesse tipo de qualificativos - e, por outro lado, estava muito orgulhosa porque Fernando Pessoa lhe enviara uma série de poemas e alguns deles dos mais conhecidos e dos mais notáveis.

Pode dizer-se que a *Presença* foi uma geração que teve consciência do valor extraordinário da *Orfeu*, mas não tanto daquilo que os separava desses mestres, porque se a tivessem tido provavelmente tinham ficado só discípulos, mais ou menos repetitivos, e teríamos um fenómeno cultural pleonástico, em vez de qualquer coisa que tem uma originalidade própria e que é esta *Presença*.

O que me chocou foi que estes momentos, o momento *Orfeu* e o momento *Presença*, significam culturalmente dois afloramentos diversos que cada um pode interpretar de maneira diferente. Pode mesmo imaginar-se que

a *Presença* representou, ou representa ainda hoje, algo mais importante do que representou a *Orfeu*, mas não foi o meu caso nem o de uma maior parte da minha geração que, repentinamente, começou a viver o que pode já chamar-se a mitologia do *Orfeu* em função, podia pensar-se, do Fernando Pessoa, mas curiosamente – e foi o meu caso no início – do próprio Mário de Sá-Carneiro.

Aqui há uma certa complexidade porque o Mário de Sá-Carneiro foi o ídolo da *Presença*, foi também o meu ídolo - e ainda é - tanto como o Fernando Pessoa. Mas esse ídolo e essa adopção plena que eles fizeram do Mário de Sá-Carneiro acompanhava-se de uma reticência em relação ao fenómeno Pessoa. A verdade é que este fenómeno era tão estranho, ou é-o ainda, que não cabia na ideologia crítica e cultural da *Presença* propriamente dita. Há uma ligação contínua entre toda a poética que vem do romantismo até à *Presença*, uma poética em que uma espécie de inocência, um tipo de subjectividade quase pura é a responsável pela criação em que tudo o que é contaminado por uma dose de consciência ou de inteligência em relação ao acto criador, de algum modo, em vez de o promover a um estatuto mais complexo ou mais valioso, em última análise o diminui. A *Orfeu* é, por um lado, um momento modernista propriamente dito, no sentido em que repercute o que o modernismo europeu nessa altura, particularmente o futurismo, estava sendo na Europa, a vanguarda. Mas a *Orfeu*, enquanto revista, basta olharem para a capa para verem que é uma capa que veio directamente do século XIX, que é simbolista, é a capa de *O Marinheiro*, é a capa da maior parte dos poemas que estão nesse primeiro volume.

Neste primeiro volume está também a *Ode Triunfal* que não tem leitura nesse tempo, não pode ter leitura, porque é um texto ou um intratexto com um autor que não era conhecido, que é o Walt Whitman. Há ali um jogo que não está bem explícito naquela altura, e portanto, ninguém podia saber que espécie de texto louco era este da *Ode Triunfal*, com estas interjeições, todo este arsenal que vem do futurismo e do Walt Whitman. Isso é que fez escândalo, o resto não podia fazer escândalo nenhum, são poemas decadentistas, ultradecadentistas, poemas oníricos, todos eles; a própria colaboração do Almada Negreiros não tem nada a ver com o que o Almada Negreiros vai ser uns tempos depois.

A não ser Mário de Sá-Carneiro que é – costuma-se fazer sempre a comparação – o nosso Rimbaud. A sua poesia tem um tipo que, de facto, apresenta um grau de

imprevisibilidade, uma energia sem imagens, uma tal falta de articulação racional que o fez tornar-se um caso. O do Pessoa é sempre o contrário. O Pessoa é hiper-codificado, há uma pluralidade de códigos. Qual é o código do Mário de Sá-Carneiro? Não é que não tenha códigos, mas são de uma vivência dele com outras poesias que já continham algumas dessas determinações (as de Eugénio de Castro entre outras), mas que ele de maneira mais genial – genial no sentido absoluto – recria. Mário de Sá-Carneiro representou uma espécie de ofuscamento, uma poesia que não tem glosa, não tem perífrase, é assim. Como uma música de que não houvesse ainda código anterior, uma espécie de Schönberg ou de Stravinsky da época.

Foi lido muito tarde e, realmente, quem o lê pela primeira vez e nele se reconhece, não nessa poesia provocatória, mais onírica, mais alucinatória, já pré-surrealista do Mário de Sá-Carneiro, foi justamente a geração da *Presença*. Mas eram tão diferentes que o que apreciaram no Mário de Sá-Carneiro foi a sua poesia mais intimista, uma espécie de Sá-Carneiro não arrependido, mas recuado pelo António Nobre. Isso sentiram muito bem, mas foi o Pessoa que ficou sempre neles.

O Fernando Pessoa foi a “pedra de roseta” da *Presença* e da minha geração. Trouxe qualquer coisa que só podia ter leitura muito tempo mais tarde, porque o vinha dizer nos seus versos, de uma maneira clara, cintilante, era que nos vários sentidos da palavra Deus tinha morrido. Mas, no imaginário português, Deus nunca morre, inclusive para ele que o teve de inventar de outra maneira. No entanto, isso era uma provocação tão forte, uma destruição de todos os códigos da poesia, da crítica, dos valores, da ética, da política, de tudo! O Pessoa é, para a minha geração, um pouco desse desejo que toda a juventude tem de que o mundo acabe e comece outra coisa, uma espécie de um apocalipse, mas que trazia esta coisa extraordinária que é o humor. Não se podia imaginar que fosse poesia a sério, não existia este tipo de visão e de mentalidade e a *Presença* não gostava muito destas graças. A *Presença* não teve nenhuma espécie de humor e o Fernando Pessoa teve seriedade e humor, tudo misturado, ou seja, era um outro código. Foi nesse código que muitos de nós embarcámos e, aparentemente, ainda não desembarcámos, como se vê pela minha conversa.

Nesse tal artigo sobre a *Presença* eu só quis dizer isso, mas de facto, sintagma “contra-revolução” é um pouco equívoco; num sentido próprio “contra-revolução” não é apenas como eu insinuo no texto uma espécie de bonapartismo que continua a ir aos

valores da revolução, mas contra-revolução é De Maistre. Ora eu só trato ali do imaginário, de poesia nada mais e já com uma cautela, embora uma cautela um pouco retórica, que é a seguinte: se o momento *Orfeu* é um momento de ruptura e inauguração de qualquer coisa de outro, que nós chamamos a modernidade e o modernismo, estes senhores não são e não estão nesse momento. Podem-no apreciar histórica e criticamente, nós os admiramos - a minha admiração por Régio é noutra ordem, noutra código, mas é igualmente profunda. No entanto, enquanto revista, a *Presença* teve a veleidade de leccionar criticamente o público português, que bem precisava. Precisamos lê-la para ver qual era o nível do discurso crítico banal, e não só banal em Portugal, na década de trinta. Era muito baixo. De facto, esta gente tinha uma leitura, uma consciência crítica, tinha modelos que eram completamente desconhecidos do público português nessa época e, provavelmente, esta revista teria tido um impacto maior se em vez de ser dos palermas de Coimbra tivesse sido dos vanguardistas de Lisboa. E nessa altura o público teria sido outro.

[...]

“Orfeu e Presença”, Eduardo Lourenço em Zília Osório de Castro e Luís Crespo de Andrade (coords.), *Revistas, ideias e doutrinas. Leituras do pensamento contemporâneo*, Lisboa, Livros Horizonte, 2003, pp. 100-103.